



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
DO TOCANTINS
CAMPUS GURUPI
CURSO SUPERIOR LICENCIATURA EM ARTES CÊNICAS**

RENATO DE SOUZA MENEZES

PROJETO VAGALUME: TECNOLOGIA/TEATRO/ INCLUSÃO SOCIAL

GURUPI-TO

2016

RENATO DE SOUZA MENEZES

PROJETO VAGALUME: TECNOLOGIA/TEATRO/INCLUSÃO SOCIAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Licenciatura em Artes
Cênicas do Instituto Federal do Tocantins –
Campus Gurupi, como exigência à obtenção do
grau de Licenciado em Artes Cênicas.

Orientadora:
Professora Me. Marli Fernandes Magalhães.

**GURUPI – TO
2016**

Menezes, Renato de Souza

Título: **Projeto Vagalume: Tecnologia/teatro/inclusão social**

Renato de Souza Menezes. – Gurupi-TO, 2016.

34 f.

Monografia (Licenciatura em Artes Cênicas) – Instituto Federal de Educação,
Ciência e Tecnologia do Tocantins, Campus Gurupi-TO, 2016.

Orientadora: Professora Me. Marli Fernandes Magalhães.

1. Teatro/dança. 2. Tecnologia. 3. Socialização. 4. Interdisciplinaridade.

RENATO DE SOUZA MENEZES

PROJETO VAGALUME: TECNOLOGIA/TEATRO/INCLUSÃO SOCIAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Artes Cênicas do Instituto Federal do Tocantins – campus Gurupi, como exigência à obtenção do grau de Licenciado em Artes Cênicas.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA AVALIADORA

Prof^a. Me. Marli Fernandes Magalhães
Presidente
IFTO – Campus Gurupi

Prof^o. Me. Brenno Jadvas Soares Ferreira
Membro da Banca
IFTO – Campus Gurupi

Prof^o. Esp. Cleiber Louredo Barboza
Membro da Banca
Escola Municipal Benevenuto Alves Moreira

*Aos meus pais que sempre me apoiaram
independente da dificuldade encontrada.*

AGRADECIMENTOS

A Deus por iluminar o meu caminho.

À minha família, em especial minha mãe Elzaides de Souza Melo Menezes, meu pai Valdeci Ferreira de Menezes, com carinho o meu irmão Leonan de Souza Menezes, minha madrastra Bernardina Rodrigues Braga. Por sempre me incentivaram em todos os momentos, principalmente nesse período de academia.

À minha namorada, Fabianna Fernandes Carvalho, pela atenção, carinho e paciência, por saber dividir nosso precioso tempo com os estudos, sempre me incentivando para que eu concluísse este trabalho.

À minha orientadora, Professora Me Marli Fernandes Magalhães, pela dedicação e carinho ao qual acompanhou esse momento de estudo e pesquisa com paciência ao orientar-me. Sua persistência e disponibilidade deixaram-me a vontade para expor minhas ideias, sanar minhas dúvidas, o que foi essencial para a realização deste trabalho.

Aos demais Professores, Brenno Jadvas Soares Ferreira, Manuel Tomaz Ataíde Júnior (Nélito), André Luiz Moura Siqueira, Diogo Sanquetta de Oliveira, Paulo Reis Nunes, Gibson Monteiro da Rocha, Milene Lopes dos Santos Queta, que também contribuíram para minha formação.

Aos meus colegas de turma, pela união e amizades conquistadas ao decorrer do curso.

“A vida é o dever que nós trazemos para fazer em casa. Quando se vê, já são seis horas! Quando se vê, já é sexta-feira! Quando se vê, já é natal... Quando se vê, já terminou o ano... Quando se vê perdemos o amor da nossa vida. Quando se vê passaram 50 anos! Agora é tarde demais para ser reprovado... Se me fosse dado um dia, outra oportunidade, eu nem olhava o relógio. Seguiria sempre em frente e iria jogando pelo caminho a casca dourada e inútil das horas... Seguraria o amor que está à minha frente e diria que eu o amo... E tem mais: não deixe de fazer algo de que gosta devido à falta de tempo. Não deixe de ter pessoas ao seu lado por puro medo de ser feliz. A única falta que terá será a desse tempo que, infelizmente, nunca mais voltará”.

Mário Quintana

RESUMO

Esta pesquisa é oriunda de inquietações que surgiram no decorrer da Graduação no Curso de Artes Cênicas do Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Tocantins – Campus Gurupi, doravante citado como IFTO. A mesma suscitou a discussão que segue, ou seja, o desejo de trabalhar com materiais semicondutores na composição de figurinos com finalidade de montar um espetáculo teatro/dança, com crianças do povoado Trevo do Tocantins, vulgo Trevo da Praia, lugar onde não há acesso às tecnologias, nem tão pouco ao fazer teatral. Este projeto foi escrito para contemplar a disciplina “Projeto Interdisciplinar”, ministrada pela Professora Me. Marli Fernandes Magalhães do IFTO, cujas contribuições fomentaram o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). As abordagens pesquisadas foram a interdisciplinaridade¹ entre Teatro/Dança/Tecnologia/Literatura, na qual os discentes da Escola Municipal Benevenuto Alves Moreira, sob a orientação do discente Renato Menezes, construíram seu próprio figurino com Led’s². Além da confecção do figurino, trabalhou-se com oficinas, coreografias de dança e o fazer teatral pensando na socialização. A intenção do Projeto é instruir os estudantes sobre a produção teatral e apresentar resultados em escola da cidade de Gurupi que fica à 70 Km do Trevo. Esse relato de experiência apresentará ao leitor o trabalho desenvolvido na escola supracitada.

Palavras-chave: Teatro/dança. Tecnologia. Socialização. Interdisciplinaridade.

¹Interdisciplinaridade; “O trabalho interdisciplinar consiste, primordialmente, em lançar uma ponte para religar as fronteiras que haviam sido estabelecidas anteriormente entre as disciplinas com o objetivo preciso de assegurar a camada seu caráter propriamente positivo, segundo modos particulares e com resultados específicos” (JAPIASSU, 1975, p.75).

²Led’s; São micros lâmpadas usados em decorações em casas, prédios, veículos Etc. Como são muito pequenas tende tem uma carga de energia menor para iluminação.

RESUMEN

Esta investigación ha venido de las preocupaciones que surgieron en el curso de Grado en curso de artes escénicas en el Instituto Federal de Educación, Ciencia y Tecnología de Tocantins - Campus Gurupi, en lo sucesivo, IFTO. La misma fue planteado la discusión que sigue, a saber, el deseo de trabajar con materiales semiconductores en la composición de los trajes con el fin de montar un espectáculo de teatro / danza con los niños en un pueblo llamado Trevo do Tocantins, también conocido como Praia do Trevo, donde todavía usted no tiene acceso a la tecnología, ni a hacer teatro. A partir de un proyecto de escritura a contemplar el curso "Proyecto Interdisciplinario", impartida por la docente Marli Fernandes Magalhães de IFTO, cuyas contribuciones promueven el trabajo de conclusión de curso (TCC). La investigación que actualmente se ocupa de la interdisciplinario Teatro/Danza/Tecnología/Literatura, en el que los alumnos de la Escuela Benevenuto Alves Moreira, bajo la guía del estudiante Renato Menezes, construyeron su propio traje usando Leds. Además de la construcción de los trajes, fue trabajado en talleres, coreografía de baile, maquillaje teatral y pensamiento de socialización. La intención del proyecto es educar a los estudiantes sobre la producción teatral y exponer los resultados en la escuela de la ciudad que está a 70 km de trébol. Éste informe actual presentará al lector la experiencia desarrollada en la escuela.

Palabras clave: Teatro / Danza. Tecnología. Socialización. La interdisciplinariedad.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
2. RELATO DE EXPERIÊNCIA: A PAIXÃO MOVENDO AÇÕES	11
2.1 Trajetória da iniciativa	16
3. INICIO DO PROJETO	18
3.1 Desenvolvimento do trabalho	19
4. EM BUSCA DA IGUALDADE SOCIAL	26
5. A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO EMPÍRICO	29
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
7. REFERÊNCIAS	33

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa será focada em um relato de experiência, o mesmo teve como base uma história de vida movida pela dança e pelo teatro. Uma trajetória iniciada em meio a um povoado da zona rural do município de Gurupi/TO, onde a maioria das pessoas não e são alfabetizada, e os jovens que buscam a alfabetização não conseguem seguir em frente, por ter que trabalhar e auxiliar os pais com as despesas da casa. Lugar onde o fazer artístico fica distante da população. Os poucos artistas são limitados às festas tradicionais e momentos religiosos. Região onde nasceu o artista que aqui relata seu encontro com a dança e o teatro.

Ao trabalhar e viver nesta localidade, notei que o preconceito atual se instaura em diferentes níveis sociais, está presente em todas as camadas da população. Parece, infelizmente, haver uma triste simbiose, a correlação entre o ser humano e o preconceito. Onde há pessoas, haverá preconceito de alguma forma, intrínseco de nós, e nossa essência em algum nível, devo assumi-lo embora o norte e mote maior desta pesquisa seja o amor e a arte que sobrepõe-se a qualquer preconceito ou subjugação humana, revelando-se libertadores. E, no referido lugarejo ocorrem preconceitos sociais no que tange à população tanto do povoado trevo da praia para com os indivíduos município de Gurupi e vice-versa.

Ao me deparar com esta tétrica realidade, percebi a necessidade de levar algo inovador para aquele povoado, que cuidasse de ter o envolvimento de todos e trouxesse a compreensão do verdadeiro papel transformador do que meu “eu” artista pudesse fazer. Acreditei que envolvendo todos num trabalho artístico os faria repensar sua realidade, a si mesmos e à realidade que os circunda lhes tolhendo medos e preconceitos, os reconstituindo como seres formadores de opinião e, com igual perspicácia para ouvir a opinião do outro, talvez esta, uma de nossas centrais ações como artista.

Com este pensamento em voga foi realizado um projeto na disciplina de “Projeto Interdisciplinar”, que originou o “Projeto Vagalume”, cujo objetivo seria a realização de oficinas de teatro, dança e a construção de figurinos com materiais semicondutores. Por ser tratar de algo inovador, agregaria um enriquecedor valor artístico cultural aos integrantes e à comunidade. Inicialmente o projeto foi executado na Escola Municipal Benevenuto Alves Moreira.

2. RELATO DE EXPERIÊNCIA: A PAIXÃO MOVENDO AÇÕES

Há bastante tempo morei na fazenda “Gato” a 64 km de Gurupi – Tocantins. Quando me mudei para o centro urbano de Gurupi, meu desejo de aprender, conhecer e vivenciar novas experiências que me orientassem em minhas inquietudes juvenis bem como me norteasse para vivências de novos aprendizados me levou a conhecer as danças urbanas; “dança de rua”, na igreja do Ministério São Sebastião localizado no Setor Aeroporto de Gurupi/TO. Este foi meu primeiro contato com uma modalidade artística; “a dança”, que me proporcionou conhecimentos e mudou minha visão sobre arte.

Assim como eu reorientava meu corpo no espaço, meus movimentos, articulações, potencialidades com dobradiças corporais, minha mente também era expandida. Tal sensação única e transformadora me fez refletir que era possível agregar esta evolução de meus sentidos e de meu papel no mundo às pessoas de minha realidade. Esta percepção me fez compreender que todos possuem um potencial para a arte ou para se tornar melhor através da arte. Com esta mentalidade fui atrás de meu aperfeiçoamento profissional, minha busca também poderia fazer outros indivíduos se encontrarem.

Na minha infância o ensino da arte era baseado em pintura, em seguida veio o teatro, técnica que não nos foi oferecida por um profissional da área. Porém, os ensinamentos me fizeram crer que a arte não se limita a poucos conceitos, sua abrangência nos proporciona várias possibilidades de trabalho. Com o tempo fui aprofundando na dança, conseguindo uma identificação maior, tendo dificuldades por não ter apoio dos familiares, porém, por mais que a situação contribuísse para que eu me afastasse do universo desta arte, mais eu me tomava por seus movimentos na vida e no palco. A paixão falou mais alto, não consegui me afastar, e, a cada possibilidade de envolvimento, mais me aproximava, porque já fazia parte de meu ser, amo dançar.

Com o tempo fui me aprimorando ao assistir vídeos aulas no youtube³, tutoriais e seguir algumas dicas que ainda não tinham sido ensinadas nas aulas de hip-hop⁴. Por não receber orientação de um profissional, percebi que não realizava variações de movimentos nas

³Youtube; A palavra “youtube” foi feita a partir de dois termos da língua inglesa: “you”, que significa “você” e “tube”, que provêm de uma gíria que muito se aproxima de “televisão”. Em outras palavras seria a “televisão feita por você”. Essa é justamente a principal função do fenômeno da internet: permitir que os usuários carreguem, assistam e compartilhem vídeos em formato digital. (<http://brasilecola.uol.com.br/informatica/youtube.htm>)

⁴Hip – hop; O termo Hip Hop tem na sua etimologia as danças da década de setenta, em que se saltava (hop) e movimentava os quadris (hip). Mas também há registros de que tenha sido criado por Afrika Bambaataa (Kevin Donovan). (<http://www.infoescola.com/artes/hip-hop/>)

coreografias. Sempre os mesmos conteúdos, um pragmatismo que me tolhia ao invés de aprimorar minha vivência e entrega à arte, não me imbuía daquilo. Então, percebi que se quisesse realmente trilhar este caminho, teria que me adentrar no universo da pesquisa. Desta decisão, pesquisei novos estilos que exigissem comprometimento e muito esforço como popping⁵. Nesse estilo trabalhava-se a contração com relaxamento do corpo com movimentos sincronizados com as músicas. Já no Break-dance⁶, focávamos na execução de movimentos acrobáticos nos três planos, alto, médio e baixo. E sempre escutava várias músicas para que meu corpo estivesse adaptado aos estilos, pois sabemos que o corpo adapta-se sempre aos estilos que nos familiarizamos com mais frequência.

Assim, meu arcabouço cultural era enriquecido, meu corpo exercitado e minha mente reorientada para aquilo que eu realmente precisava. Com várias músicas em mente para estar pleno de maiores potencialidades de realização de meu trabalho, domínios e possibilidades de executar movimentos em ritmos e formas diferentes do corpo que acompanhava os diversos sons dos diversos ritmos. A poética corpórea avançava e meu poder de atuação se expandia. Corpo em movimento, mente aberta, semente semeada. Um passo, um acerto, um erro, um movimento, dança, ritmo, som.

Sempre procurei por ideias inovadoras, que pudessem criar um meio de aprendizado diferenciado para O Ministério dança adoradores da paz era o grupo de dança que tinha como objetivo promover atividade de ocupação buscando a interação com a dança, local de encontro aos sábados na igreja São Sebastião no Setor Aeroporto de Gurupi/TO, pois, apesar dos ensaios serem aos finais de semana, momento em que a maioria das pessoas estão focadas no seu descanso e lazer, para nós do grupo, estes dias era sinônimo de trabalho árduo e pesquisa corporal. Eu sempre chegava com propostas criativas para serem adicionadas em minhas performances como dançarino com os demais. As pessoas comentam que sou uma pessoa humilde, acredito que essa humildade teve destaque em festivais, colaborando com o ideal do grupo, que é a inserção de pessoas da comunidade. Sempre me posicionava atrás dos demais integrantes do grupo, minhas participações eram marcadas por estar no fundo do

⁵Popping; Popping é uma dança do funk baseada na técnica de “quicar” (chutar) contraindo e relaxando os músculos para causar um “empurrão” no corpo do dançarino, referindo-se a um “estouro” ou batida. Isso é feito continuamente com o ritmo da música, combinado com vários movimentos e poses. Um dançarino de popping é conhecido como Popper. (<http://adulaodanca.blogspot.com.br/2011/05/popping-dance.html>)

⁶Break-dance; O termo Breakdance é um termo generalista para uma dança que tem origem num conjunto de técnicas, e pode dividir-se em vários subgêneros. Conta a história que o B-boying nasce da mistura entre o Toprock, parte da dança em que o bailarino está ainda de pé a aquecer, o Downrock, o trabalho de pés no chão e os movimentos mais contorcidos da parte de baixo do corpo, os Power Moves, momentos mais acrobáticos de dança, e os Freezes, os congelamentos de posições que acontecem regra geral para marcar o final de um conjunto de movimentos. (<http://www.rtp.pt/programa/tv/p25678/e8#sthash.lw4C3K8t.dpuf>)

palco, porém, em eventos direcionados a valorização e incentivo para os grupos emergentes do Estado, me colocavam à frente, consideravam marcante minha presença física. Ao ver do coordenador do grupo, a movimentação correta, os gestos bem marcados, a presença cênica que conseguia produzir, servia como destaque.

Até este momento o trabalho era voltado ao ministério da igreja à qual eu participava. A partir de então, houve modificações no interesse do grupo, expandindo o trabalho para outros tipos de intenções, como festivais e campeonatos de dança, e foi aí que tive o primeiro contato real com um público. Minha timidez era evidente, mas era sempre deixada de lado quando pisava no palco. Aquele menino tímido se transformava com o “calor” do momento. A timidez era substituída pelo entusiasmo e dedicação intensa ao trabalho, uma entrega inexplicável. O corpo obedecendo à vontade do público que merecia uma entrega total, e naquele momento não existia mais nada e ninguém, era eu a dança e o público. Assim, poderia ocorrer a simbiose entre o que eu desejava transmitir e o que o público necessitava, um novo entendimento do real e da possível aceitação do outro nesta nova dinâmica, o primeiro movimento era interno, o segundo é externo, é para o outro, é em relação ao outro.

Após esse primeiro contato com a plateia, senti algo novo que só a arte poderia me proporcionar, pois ver todas aquelas pessoas ali sentindo prazer ao ver nosso trabalho, era novo em meu universo criador. Não sabia como reagir nesse primeiro momento, estava acostumado com os trabalhos realizados com foco religioso. Era rico, porém limitado, começava uma nova etapa, experiências novas com certeza iriam surgir, o importante é que tudo isso transformava cada vez mais. Ao mesmo tempo me veio à sensação de insegurança, o que me levou à vontade de aprender como reagir diante do público, como agir, e como me posicionar da forma mais correta possível.

Porém, quando se faz algo em prol da arte, um movimento, uma ação, isto transcende o público, um olhar já é presença, a escuta é presença, e o que vier nos perpassa e atinge, há uma simbiose, uma proveitosa troca entre o que transmitimos e que chega do outro lado. A sensação de fazer algo junto com o público é indelével e edificadora, co-criamos, como bem adentra Flávio Desgranges (2003) em sua pesquisa sobre o espectador no qual o teórico aponta que o artista e o público criam junto o espetáculo que está sempre em movimento e construção. Quando você tem a sensação de que o público é sua extensão, seu corpo e movimentos já cumprimentam o artista que existe dentro de cada um, assim se faz arte, assim se vive.

Com o passar do tempo fui adquirindo experiências com novas apresentações, e buscando incentivar as pessoas que ainda não tinham vivenciado este conhecimento. Esta simbiose criativa, este sempiterno co-criar entre o que eu efetuava e o que o expectador sentia acontecia na poética de meu corpo e nas minhas propostas de ação. Notei que o público sentia vontade de dançar, em cena, seus olhos dançavam conosco. Então, fui atrás de me aproximar deles, propor oficinas ou algo do tipo, pois, de certo modo, sentiam uma vontade de dançarem ou se aproximarem de forma mais profunda desse universo. E foi a partir daí que decidi tomar uma atitude sobre essas entradas e saídas de pessoas, criando meios que os mantivesse motivados e interessados nas atividades propostas pelo grupo, como por exemplo: jogos e trabalhos em equipes focados em passar o verdadeiro sentido de se entregar à dança, ao fazer artístico, o objetivo era reduzir assim esses empecilhos e diminuir a evasão da equipe.

Na panorâmica sociedade coeva, imbuída de grande avanço tecnológico, eu como indivíduo curioso, voltei meu olhar para as tecnologias possíveis ao trabalho, buscando um meio de unir essa tecnologia com a arte. Foi quando surgiu a ideia de unir luzes de “led’s” com atividades artísticas, criando assim algo novo, pois os “led’s” conseguem incrementar o figurino do artista que está o utilizando por sua graça e beleza. O público, ávido do encantar-se no palco, deseja se sensibilizar com o que lhe “enche os olhos” e transborda o espírito. Sendo assim, os efeitos luminosos do led revelam sua eficácia motivação tanto para o treino do bailarino que encanta como para o público que se embevece. Com isso, cada vez mais, procurei novas maneiras de trabalhar esse aparato, como meio de aprimorar essa ideia que tive, acreditando que, em um futuro próximo, possa usá-la em algo verdadeiramente inovador.

Com o passar do tempo, fui enriquecendo o conhecimento empírico sobre as áreas do meio artístico, e esse amadurecimento proporcionou o recebimento de uma proposta de ministrar aulas pelo programa “Mais Educação⁷”, nas escolas “Escola Municipal Lenival Correia, Escola Municipal Aldair Lúcio e Escola Municipal Ilza Borges”, todas na cidade de Gurupi/TO. Foi então que tive a chance de poder repassar alguns conhecimentos que adquiri com o passar dos anos, para os participantes, os quais estavam sobre minha orientação no programa. Esta experiência se revelou de extrema importância em minha trajetória, me edificou neste primeiro momento. Atuar como educador fez com que eu entendesse que educar é, acima de tudo, trocar experiências, eu ensino, mas no próprio ensinar eu reelaboro meu trabalho com o que vivencio e recebo, me redimensiono.

⁷Programa Mais Educação; “Mais Educação” é um programa do governo conveniado com as escolas que busca a ocupação dos estudantes nos contra turno das escolas oferecendo oficinas de dança, teatro, capoeira, caratê, matemática entre outros... Dependendo do que a escola escolhe de atividade para oferece.

Meus estudantes me ensinam, e meu olhar sensível se transforma como bem aponta Paulo Freire (1996), em seu livro *A Pedagogia da Autonomia*, educar é algo unilateral, horizontal, o ensino não se faz com uma verticalidade onde um conhece mais que o outro. O ensino é visto sob a ótica da horizontalidade, eu enxergo e troco com o outro a todo instante, não se trata de hierarquia. Assim foram as descobertas físicas que realizávamos uns com os outros em nossos processos criativos. Tal aprendizado sobre a área docente, e sobre métodos que poderiam ser usados para ministrar aulas, foi me movendo, me instigando cada vez mais, utilizei da experiência obtida até o momento para acrescentar algo positivo ao trabalho.

Após ouvir comentários de amigos sobre o curso de Licenciatura em Artes Cênicas no Campus Gurupi/ IFTO (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins), fiquei instigado em saber melhor sobre o que se tratava, até porque o cerne da busca pelo movimento e realização humana e profissional, centelha que sempre me movia na busca pelo melhor, pois o mesmo possuía algumas vertentes na grade curricular que conciliava com os meus interesses. Ingressei-me no curso no ano de 2013, mas apenas no ano de 2016, ao cursar a disciplina de projeto interdisciplinar, tive a oportunidade de levar a dança e o teatro para a região onde eu cresci que sempre foi meu grande foco enquanto discente.

Uma região afastada do perímetro urbano nos movimentou, para levar a interdisciplinaridade da Arte com matérias semicondutoras até o povoado do Trevo da Praia, tendo como objetivo principal trazer a inclusão social para todos os integrantes do projeto. Tendo sempre o apoio tanto financeira como meios de locomoção do IFTO, dando destaque diretamente a docente Marli Fernandes Magalhães que ministrava a disciplina e acreditou na possibilidade de enriquecimento cultural utilizando da proposta, sempre incentivando e apoiando essa iniciativa inovadora.

Com esses apoios, tive importante contribuição da minha colega Adrienne Cardoso Lima e o por ser a minha parceira na execução do projeto, por ter experiência na dança e teatro, sempre esteve presente com criatividade, imparcialidade e comprometimento. A aceitação da escola foi de grande importância, o diretor Cleiber Louredo Barboza sempre nos ajudou com tudo que podia, sempre incentivando os integrantes. Seu apoio foi fundamental, pois nem sempre podemos contar com o apoio da direção nas diretrizes de nossos projetos culturais. Algumas escolas do centro da cidade pela convivência particular não possuem a mesma dedicação dos diretores como a demonstrada pelo diretor Cleiber que sempre divulga e promove pequenas apresentações em eventos da escola. Com ele, sentimos que temos um grande apoio, por ver que, sempre se demonstra disposto e preocupado com os estudantes que nunca tiveram conhecimento específico sobre o teatro e dança os instigando a

participar do projeto sem medo de experimentar o novo. Mesmo não havendo ensinamento de professores formados na área específica de educação artística atuando na Escola, o projeto seguiu, pelo pensamento de que a arte pode ter papel central na formação pedagógica dos adolescentes. Outro grande colaborador nesta jornada foi o Professor Brenno Jadvas Soares Ferreira, que sempre nos ajudava quando não havia motorista do IFTO que tinha função de nos levar ao local do projeto. O professor Brenno com sua bagagem cultural, seus ensinamentos e apontamentos nos elucidava sobre os caminhos a serem trilhados e contribuiu bastante para o crescimento do projeto.

2.1 Trajetória da iniciativa:

A execução deste projeto surgiu da necessidade de fazer algo pelos moradores da comunidade do Trevo da Praia, sem perder a essência e, como diria José de Alencar (1959), a “cor local” deste lugar que tem seu histórico e vivências peculiares e, acima de tudo, valorizasse a trajetória com a dança que venho trilhando. Questões concernentes à família revelam-se importantes, as raízes que fazem parte do corpo e mente do bailarino que versa no palco um vocábulo de sons e gestos que não querem negar sua origem e formação. Advém daí a necessidade de executar ações culturais que jamais seriam realizadas durante o período em que estudei e cresci nesta comunidade. Enfim, percebi que era o momento de realizar este trabalho, por conseguinte, concretizar um sonho: levar Arte àquele povoado.

O Trevo do Tocantins tem aproximadamente cerca de 400 habitantes, mais conhecido como “Trevo da Praia” por ser próximo à praia do Croá, região do rio Tocantins, que fica a 72 km de distância de Gurupi/TO. Nesta localidade há diversos tipos de exclusões sociais sofridas pelos moradores, em consequência da distância do centro urbano de Gurupi. Os moradores se sentem discriminados por morarem afastados da cidade e não terem acesso às tecnologias de informação e comunicação como celulares, internet, TV a cabo etc, além da visão preconcebida de que apenas a população urbana tem direito ao acesso às exposições de cultura, por outro lado, os moradores do centro manifestam distanciamento com relação aos moradores do Trevo da Praia. Essa percepção se deu baseada em comentários de pessoas residentes no lugar, as mesmas sentem-se discriminadas por residirem em um povoado, onde nem sempre se consegue falar ao celular e a internet normalmente não encontra rede disponível. Além de se tratar de um lugarejo onde a maioria dos imóveis não é legalizado.

Diante da realidade existente por anos, surge o propósito de fazer algo que contribuísse para a inclusão dos moradores daquela região: um projeto cultural denominado

de *Vagalume*, que nasceu a partir das aulas e estudos no Campus do IFTO de Gurupi. No planejamento do projeto concluiu-se que a capacitação seria um dos caminhos possíveis, alunos e professores do Curso de Licenciatura em Artes Cênicas, na disciplina de Projeto interdisciplinar, também perceberam que havia formas de fazer o projeto dentro de uma proposta interdisciplinar. Notou-se a necessidade de propagar o conhecimento desenvolvido empiricamente como possibilidade de investimento cultural nos moradores do Trevo.

O projeto foi elaborado com os seguintes objetivos: a inclusão social das pessoas daquele local. Nele foram abordados trabalhos com a dança, o teatro e a confecção de figurinos com materiais semicondutores; ajudar os integrantes, pessoas com idade entre oito e dezesseis anos de idade na manifestação do seu lado cultural, usando a criatividade e visando apresentações em eventos municipais; chamar a atenção daqueles que residem no centro da cidade, mostrando que não há diferença entre os cidadãos que moram na área urbana, dos que residem afastados, desenvolvendo a quebra desse preconceito, entre os que não valorizam a expressão cultural do lugar; conscientizar os políticos, que precisam dar mais atenção às pessoas do Trevo, não somente em períodos eleitorais e ocupar o tempo ocioso dos estudantes com ações culturais percebendo a realidade e as necessidades concretas destas pessoas.

3. INICIO DO PROJETO

No início das oficinas foi necessária uma conscientização dos participantes. A dança possui sua beleza, seus nuances, seu gingado, sua leveza, porém assim como qualquer arte, possui sua disciplina para que se efetue com precisão. Sob este prisma foram exigidos dos participantes atitudes como: comprometimento, disciplina, limites, educação e respeito. Requisitos necessários para o bom andamento das aulas. Afinal a técnica ensinada não pode ser realizada de qualquer forma. A dança possui detalhes, tem que seguir a sincronização dos movimentos coreográficos e é indispensável à atenção com o corpo em movimento, pois a construção do gesto possui precisão única. Para que o estudante consiga iniciar e finalizar as atividades com consciência ele tem que se concentrar nas suas próprias ações.

No povoado houve preocupação com a segurança dos participantes do projeto devido ao alto índice de criminalidade na comunidade e na escola. Infelizmente a insegurança esteve presente durante a execução do projeto. Acredita-se que ações culturais em espaços onde a violência impera são essenciais na formação de crianças e adolescentes, como foi o caso deste projeto. A cultura traz consigo o viés da reflexão, do refazer e reconstruir uma realidade, fundamental para que a criança/adolescente se projete no seu espaço, seja detentora e tenha o domínio de suas próprias escolhas proporcionando um conhecimento interdisciplinar e autônomo. Desta forma, o projeto ocupa o tempo ocioso dos estudantes com ações culturais, que priorizam o qualitativo, a busca por novos conhecimentos e a valorização do indivíduo.

As tecnologias são sempre concentradas em grandes centros e, muitas das vezes tardam a atingir povoados que vivem à margem dessas cidades. As pessoas residentes nestes povoados são tratadas como inferiores pela maioria da sociedade, que entendem por produto de luxo a utilização do celular e da internet. Essas pessoas que possuem livre acesso aos meios tecnológicos, se sentem privilegiadas, acreditam que a vantagem de ser favorecidas pelas tecnologias as torna melhor, por conseguinte, os demais que não tem acesso a esses meios tecnológicos avançados são considerados diferentes, inferiores e incapacitados. Como se tecnologia e formação humana estivessem entrelaçados e fossem as mesmas coisas.

A busca por novos meios é constante, as pessoas que vivem afastadas das cidades não possuem estrutura para receberem equipamentos como computadores e celulares e, quando recebem, os mesmos não funcionam adequadamente, são guardados em lugares sem segurança e acabam sendo levados por criminosos. Alguns nem conhecem tais equipamentos e as pessoas que os possuem, às vezes, estão tão distantes desta realidade. Os privilegiados com aparatos tecnológicos não conseguem acreditar na possibilidade de alguém viver sem um

celular, muitas vezes, quem não possui é discriminado pelos colegas, então há um confronto de classes, alguns se sentindo superiores aos outros, e outros se sentindo inferiores, discussão irrisória, a propósito, um bem material não torna alguém melhor. Foi pensando em mudar essa realidade, ou pelo menos poetizá-la e trazer reflexões sobre o assunto, que o projeto foi pensado a fim de possibilitar aos moradores do Trevo a realização de trabalhos que utilizem as tecnologias possíveis a eles.

3.1 Desenvolvimento do trabalho:

Houve a preocupação inicial com o tempo de execução do projeto, pois a disciplina duraria aproximadamente quatro meses, então a professora Marli Magalhães conseguiu transformá-lo em projeto de extensão do IFTO. Desta forma houve mais tempo para a montagem e a atividade deixaria de ser avaliativa, com tempo corrido para execução, passando a ser algo mais tranquilo e prazeroso.

O conhecimento mais específico sobre o fazer teatral, foi adquirido com aproveitamento por meio das aulas de Improvisação I e II, com fundamentação teórica da pesquisadora Viola Spolin e outros estudiosos da área, e sobre a dança nas disciplinas de Técnicas de Dança I e II embasados na teoria de Rudolf Laban em seu livro “Domínio do Movimento”, que diz:

A dança pura não possui uma história descritível. Frequentemente é impossível esquematizar o conteúdo de uma dança em palavras, embora sempre se possa descrever o movimento. Na dança pura o espectador não poderia saber que um movimento de agarrar rapidamente no ar estaria a experiência e seu significado por intermédio do interjogo de ritmos e formas que, na dança, contam sua própria história, acontecimento frequente num mundo de valores e desejos não definidos logicamente . (LABAN, 1978, pág.23)

O universo da dança é o do não- lógico, do que surpreende e que recria o real com os corpos expostos em cena. Mas aqui se faz uma breve análise com a dança e esta tecnologia, tudo isso me inquietou. Para Herbert Marcuse (1969), “os corpos sociais foram se moldando ao universo da máquina e deixaram de ser vivos e espontâneos, foram suprimidos destes corpos o âmbito do prazer, da pilhéria e do desejo”. O homem da máquina erigido no período da Revolução Industrial teve o corpo adaptado à máquina e todo o aparato tecnológico subsequente só serviu para adestrar e diminuir as horas livres de prazer e regozijo dos corpos. Então resolvi com a pesquisa realizar o caminho inverso. Ao invés de adestrar os corpos à

máquina, com a dança surgiu o desejo de utilizar o arsenal tecnológico hodierno a serviço da beleza e poesia da dança. Não mais negar a tecnologia, mas trazê-la para a cena, a partir do processo criativo.

Assim, os corpos que foram moldados pela tecnologia no decorrer da história agora voltam a brincar, bailar e se divertir e utilizam aquilo que um dia segregou seu valor, o aparato tecnológico. O universo tecnológico é um ambiente admirável principalmente com a mecanização de minis robôs e materiais de iluminação com “led’s” juntando todos estes atributos ao projeto de inclusão percebem-se que a interdisciplinaridade, orientada pelos professores Marli Fernandes Magalhães e Brenno Jadvas Soares Ferreira (colaborador do projeto), ampliou os propósitos e permitiu a união entre a dança e o teatro, assim como o uso de figurinos com materiais semicondutores, as “led’s”, que permitiram a veracidade nas cenas.

O processo de montagem foi executado juntamente com as aulas de dança que foi apresentada como modalidade que trabalha o corpo cênico e permite a exploração da criatividade do indivíduo, capacitando sua possibilidade de encenar, priorizando o corpo em adaptação a novos movimentos. Mecânica que emerge, se faz, tira o indivíduo do autômato, o faz realmente interagir com seu meio, corpo também é expressão e palavra. Como os integrantes do processo estavam tímidos, decidiu-se estimulá-los através de jogos teatrais, textos literários, para exercitar a escrita e a leitura, o que foi bem efetivo e revelou notória eficácia devido à carência daquele povoado que possui várias pessoas não alfabetizadas que, a partir do projeto, tiveram a oportunidade de manusear materiais de linguagem verbal.

A ideia é priorizar o lúdico, pois dessa forma os estudantes aprendem jogando, criando algo novo. Um fato interessante é que o jogo possibilita trabalhar vários momentos e os integrantes se mostraram dispostos a seguir os comandos, contribuindo para o desenvolvimento do trabalho. Traçando um paralelo com o modo de aplicação de Lenira Rengel que em seu livro; “Os Temas de Movimento de Roudolf Laban”, relata que:

Um modo eficaz e prazeroso de iniciar e incentivar as pessoas à Dança é por meio de práticas com as denominadas ações corporais. Vale aqui ressaltar que AÇÃO CORPORAL para Laban, é uma ação não apenas física, ela comporta um envolvimento em rede da pessoa, isto é, uma coexistência de aspectos emocionais, intelectuais e físicos do corpo. (RENGEL, 2008, pág.21)

A criatividade foi explorada de uma forma divertida para o coletivo, instigando a criação e exercitando a imaginação para superar a timidez. Decidiu-se propor atividades como forma de dramatização, utilizando as memórias da infância, mostrando a possibilidades de

interações sociais, como meios televisivos e usando as técnicas teatrais para conscientizar que a diversão e o aprendizado não estão estritamente reservados aos meios de telecomunicações, mas que há outras possibilidades sem tanta necessidade dos meios tecnológicos desta sociedade modernizada, pode-se realizar várias ações com o simples contato humano ao invés de acessar redes sociais. As técnicas aplicadas demonstravam que o conhecer é grandioso e potencializaram o meio estético teatral na dança.

A expressividade na dança ao executar movimentos e passos também se faz presente nas expressões faciais bem como ocorre no teatro. A força e imponência dos movimentos também devem reverberar no rosto do bailarino. A sensibilidade faz com que o emocional expanda seu potencial cognitivo/criativo, permite-se explorar um horizonte na mente ainda inabitado, sem vida. Acredita-se que este ampliar-se da arte faz com que o pensamento criativo e a razão se reorganizem nos meandros do ser, redimensiona o pessoal, desnuda-lhe para um novo mundo. Pode-se traçar um paralelo com o pensamento de Beatriz Ângela Cabral que em seu livro; “O Drama Como Método de Ensino”, relata que:

[...] A razão para a inserção de memórias em processo e produtos teatrais se relaciona com a dimensão do pessoal, tal como aumento de autoestima, interação com sujeitos afins, construção da identidade; e com dimensão social, como responsabilidade e respeito para com espaço urbano, engajamento com questões de preservação, atividade sociais e culturais. (CABRAL, 2012, pág.13)

Com a trajetória em curso, notou-se que os participantes não compreendiam a dimensão física do trabalho dentro do espaço da sala. No processo de montagem os integrantes demonstravam dificuldade em se concentrar nos exercícios por timidez, mas se comprometiam, buscando sempre explorar as expressões físicas do seu corpo. Como a dança está em um universo de tempo e espaço, a música tem um tempo que o corpo precisa seguir, com movimentos sincronizados ao espaço das movimentações no palco. Escutar a música e perceber os ritmos, tempo, contra tempo, ações, movimentos e gestualidade são fundamentais, pois a criatividade estava sendo a florada ao poucos, percebeu-se que os integrantes identificavam-se com o trabalho, fornecendo novas ideias para o processo.

Nos primeiros momentos das aulas, eram realizados alongamentos e aquecimentos para preparo do corpo. Os jogos eram realizados em meio ao processo de montagem, para que fosse trabalhada a percepção e a criatividade. Quando montada a coreografia, os integrantes tiveram dificuldade de memorização e execução dos movimentos, por ser algo novo, fora do seu contexto histórico, cultural e tradicional. A repetição constante

dos movimentos coreográficos foi utilizada em momentos com e sem músicas. No decorrer das aulas o aprendizado foi se concretizando com a respectiva memorização dos movimentos de acordo com que foi repassado. Com a dificuldade de acompanhamento musical, tiveram que ouvir os diversos sons e colocar vários movimentos em determinados sons, os jogos continuavam dando suporte ao trabalho. Assim foi-se paulatinamente, estabelecendo um método de ensino. Professor e estudantes trabalhando para potencializar o aprendizado. Como diz Beatriz Ângela Cabral:

Como método de ensino, o foco da presente análise, tem sido o aparecimento de convenções e expressões para facilitar a compreensão do professor quanto ao potencial do drama para ativar objetivos educacionais e expressivos, torna-se aqui evidente que a eficácia do drama na educação e formação do aluno reside na sua eficácia como forma de arte. (CABRAL, 2012, pág.33)

Os trabalhos das percepções dos integrantes tiveram que confrontar o seu "eu" com o espaço, estimulando a busca pelas informações, traçando paralelos com a imaginação, usando a criatividade, dando significado nas observações, causando um rompimento diante a sua mesmice criativa e projetando uma nova linguagem artística. Como a maior dificuldade foi a timidez, os jogos propostos foram de interação coletiva, para que os participantes tivessem um contato maior com os colegas, sabendo que alguns estudam no mesmo ambiente e nunca tiveram nenhum contato físico. A professora Marli Magalhães foi presença constante durante as atividades e auxiliou nas aulas, chamando a atenção nos momentos de expressão vocal, como a "projeção da voz" em diálogos durante as atividades.

A trajetória do trabalho exigia que os integrantes entendessem elementos básicos do fazer teatral, para que a prática acontecesse espontaneamente, procurando usar desses elementos, como a respiração, que é uma das responsáveis pelo bom desenvolvimento dos exercícios propostos, a favor da cena. Um desafio explorado no projeto era o compromisso dos participantes tendo várias descobertas e prazeres unicamente obtidos pelas práticas teatrais, focando em superar os desafios de adaptação e transformações que a arte nos propõe em ações de experimentações prezando os objetivos dessas práticas.

O confronto cultural levado à comunidade possibilitou a experiência com tradições e culturas diferentes redimensionando o conhecimento. Tal ação provocou o contato com o novo, a vivência do formidável universo da criatividade, onde os momentos de críticas argumentativas foram o combustível de anseio pelo trabalho qualitativo, mostrando isso aos integrantes, passando a eles a percepção de que não podemos criticar o que não conhecemos.

A arte trabalhada no projeto é de uma cultura extremamente diferenciada da convivência no Trevo, que tem tradições comuns a eles, distanciadas das que são comuns aos demais moradores de cidades vizinhas, como: as rezas, folias, lendas, músicas, danças tradicionais e rituais realizados como oferendas a divindades as quais eles cultuam, e sequer tem consciência da peculiaridade e riqueza regional.

No projeto eles estavam experimentando um pouco da cultura que levamos da cidade de Gurupi/TO até o povoado. Assim, foi observado o cuidado na hora de trabalhar o ensinamento artístico proposto, para que eles não discriminassem sem ter tido contato com o trabalho sugerido. Sempre, após as aulas, era proposta uma roda de conversa, para sabermos sobre os conhecimentos relacionados aos meios tecnológicos, percebidos bem precários, sabendo que, nos grandes centros já estavam bem divulgados esses novos meios tecnológicos, como por exemplos, os Apps⁸, enquanto eram desconhecidos por muitos do povoado. O trabalho era voltado para que as tecnologias chegassem até essas pessoas sem que elas tivessem a obrigação de se deslocarem até os grandes centros.

Foi solicitado que, nas aulas de dança, viessem calçados com tênis, já bem usados para que não machucassem os pés, o que se revelou uma dificuldade, porque nos encontros futuros, embora tivesse exigido o calçado, nenhum compareceu de tênis, percebeu-se que isso se dava porque a maioria das pessoas da comunidade é de baixa renda, e sequer possuía um tênis para calçar. Outro momento aconteceu quando foi solicitado que cada integrante viesse de camiseta preta para compor o figurino, seria a única pedida, pois o IFTO contribuiu para compra dos demais materiais, ainda assim não tiveram condições de levar, alguns declararam não possuir uma e não ter como adquirir, a blusa ficaria para o projeto e sujeita a modificações.

A propagação da arte causa interesse nos participantes, para que busquem e transmitam aos familiares e compartilhem com as outras pessoas uma proposta de inclusão social. Também é articulado todo um mecanismo de flexibilidade para divulgação, pensando em metas a serem alcançadas. Assim, os participantes seriam capazes de transmitir sua experiência e ações com visis à transformação da linguagem artística preservando suas originalidades para que desenvolvam seu consciente com capacidade crítica, buscando conquistas, aproveitando espaços e, por conseguinte, fortalecendo sua liberdade criativa, sem perder suas características originais e tradicionais adquiridas nas convivências com os seus. A

⁸Apps; pode ser a sigla para várias coisas no mundo mas em se tratando do mundo mobile app é uma abreviação para “application”, do inglês, que significa aplicativo, programa, software. Esta definição simples acaba por ser muito genérica se consideramos que existem apps para celulares, tablets, navegadores e até mesmo sistemas operacionais de desktop. (<http://www.telefonescelulares.com.br/o-que-e-app/>)

globalização homogênea os indivíduos, a arte possui o lugar onde o indivíduo pode se embevecer de si mesmo. Nas palavras da pesquisadora Suzana Schmidt Viganó:

Apesar da homogeneização da cultura proposta pela globalização e pela mídia, a arte ainda pode ser o lugar privilegiado de manifestação das diferenças, das buscas estéticas diversas, onde pulsem as várias cores e as várias vozes das infinitas possibilidades de escolha que tem a humanidade ao ser relacionar com o mundo e com os seus semelhantes. (VIGANÓ, 2012, pág.30)

O desenvolver do projeto conseguiu promover significados das artes, atribuindo valorização e a busca da compreensão de suas tradições, a percepção de manifestação artística preservando a identidade local, mas como a arte vem constantemente se renovando, cabe a cada um aprender a conhecer e a transformar. Como afirma Suzana Schmidt Viganó (2012): “ação cultural baseia-se diretamente na produção simbólica de um grupo”, seguiu-se então valorizando as comunicações e permitindo ações pontuais entre os indivíduos, o que é essencial à mobilização para a construção de valores artísticos. Notou-se que os indivíduos com forte religiosidade imbuídos de um fanatismo por seus emblemas e insígnias religiosos eram os que mais apresentavam barreiras revelando peculiar autoritarismo que os distanciava do viés artístico. Nesses termos, o projeto entra com a ideia de promover a interatividade de questões locais entre o universo da dança e do teatro que não era percebido pela maioria dos que vivem na comunidade do Trevo.

Depois da introdução inicial da dança com algumas intervenções dos jogos teatrais aconteceu a experimentação das confecções e dos materiais semicondutores. O trabalho envolvia lidar com fios, baterias e “led’s”, e os integrantes apresentaram dificuldades na primeira introdução, todos se reuniram para fazer um só figurino, a fim de terem a noção de como devia ser feito, por isso foi organizado aulas específicas para confecção, que ocupou todo tempo do projeto naquele dia. O nervosismo foi perceptível, a timidez interferia nos momentos de tirar dúvidas, temiam os questionamentos pelo medo de estarem sendo vistos e analisados. Para amenizar essa sensação de incômodo ao serem observados, sempre optei pelo diálogo, para deixá-los à vontade e mostrar que não precisavam temer respostas negativas, o desafio era transmitir segurança. Isto seria necessário para que tivessem controle do corpo no palco, não deixando o espectador perceber momentos de desconcentração, ou de ações fora das instruções.

O consciente emocional quando é controlado aumenta a autoestima, promove confiança na execução da atividade, facilita o aprendizado, possibilita usufruir e dividir com o colega seu amadurecimento artístico. Por meio das experiências adquiridas há a possibilidade

de quebrar amarras provocadas pelo medo, pela ansiedade e insegurança. Quando estas barreiras são superadas, todos podem atuar e improvisar basta que o indivíduo permita a exploração do seu talento, amplie suas experiências e adquira expressões criativas e, por fim, permita as ações intuitivas. Assim terá liberdade para desfrutar o fazer teatral de forma compartilhada, confrontando seus medos e superando seus desafios, abrindo portas à socialização.

4. EM BUSCA DA IGUALDADE SOCIAL

A Socialização é feita do desenvolvimento e da coletividade social, ou seja, para ser social, deve-se unir a um determinado tipo de sociedade. Para obter status de união são impostas as leis e decretos a fim de que o indivíduo possa se integrar ao meio em que vive. A articulação contra desigualdade social e os confrontos culturais dos diversos grupos trazem desavença social. A identidade social tem como reconhecimento a sua experiência cultural, tanto individual, como coletiva. Isto porque os interesses em comum contribuem para que as transformações se propaguem, bem como o respectivo aumento da quantidade de indivíduos em seu determinado grupo social concretizando ações comunicativas e preservando sua cultura e se autovalorizando. No Trevo é bastante forte este contexto por ser um grupo social que tem dificuldade de inserção na própria sociedade.

O conceito *socialização* é dividido na vida do indivíduo como *primária* e *secundária*. A primária é aquela adquirida através de vínculos familiares afetivos, como os pais e parentes mais próximos. Em seguida, o indivíduo alcança a socialização escolar, e esse tipo de socialização afetiva que é traçado de acordo com a importância de seus valores familiares no processo de aprendizagem social é que nos acompanha vida afora construindo nossa identidade. Como aponta Viganó:

Talvez seja essa também a hora de resgatar a democracia com um velho ideal político que não se concretizou efetivamente pode-se lembrar, para isso, de suas raízes nos antigos conceitos de liberdade- necessidade que limita e medeia os poderes da autoridade; igualdade – necessidade de *viver entre pares*, seja coo cidadãos de uma sociedade seja como pertencente ao grupo comum da humanidade; e a solidariedade -o sentimento de comunidade, de respeito a pluralidade e tolerância das diferenças. Talvez esse possa ser o caminho para novo horizonte comum, para se poder alcançar, efetivamente, o ideal que prega harmonia na diversidade. (VIGANÓ, 2012, pág.32)

As escolas constituem-se como ambientes favoráveis ao desenvolvimento da sociabilidade, pela facilidade de interação com diversidades sociais, sem esquecer a identidade do individual, e por sua missão de construir valores para a vida por meio da aprendizagem significativa. Ela é um grande mecanismo de igualdade social por interligar os conhecimentos comuns, tradicionais, sociais, éticos e culturais no comportamento do ser. Comportamento esse definido de acordo com a instrução recebida.

Portanto deve-se considerar se a escola na qual o indivíduo busca educação contempla as necessidades do mesmo, se o ensino nela aplicado é de qualidade e responsabilidade. Por mais que seja um momento de evolução e desenvolvimento, não se

pode acomodar e deixar de verificar o comprometimento da escola frequentada pelos estudantes.

A socialização secundária são todos os processos de introduzir-se em novos e diferentes tipos de sociedade já socializados, por exemplo, grupos, escolas, clubes, entre outros de âmbito coletivo. Ao se deparar com estes novos grupos e suas diferentes exigências, terá que se ter consciência e o respeito para a não discriminação, mas sim a adaptação dessa nova realidade social. Como existem vários grupos sociais, algum tende a chamar mais atenção para o seu “eu”. Quando ocorrer a participação de diversos grupos, percebe-se uma grande diversidade social por meio desta convivência, daí ocorre à socialização.

Por último percebe-se a socialização entre pessoas que já vivenciaram diversas experiências na vida, ou seja, estão na terceira idade, os idosos que já tem experiência de vida suficiente para repassar suas vivências contribuindo para que, neste caso, a socialização se dê através do diálogo entre experiências. Assim ocorre, como por exemplo, quando um jovem que tem facilidade com eletrônicos não possui conhecimentos que um idoso possui por ter vivenciado diferentes acontecimentos em sua vida. Embora se saiba que a sabedoria é adquirida com o contato direto com fatos, nem todo jovem aceita o ensinamento dos velhos, preferem considerá-los retrógrados.

Diversos grupos sociais passam pela ressocialização e mesclam-se a grupos que possuem valores semelhantes, absorvendo para si tais valores, usando-os para fortalecer a convivência. Estes processos de socialização que o indivíduo vivencia estão ligados ao ser cultural, pois à medida que aprende-se novos significados ocorre a mudança de comportamentos diante da sociedade, afinal o processo de socialização pode ser visto como a organização de conjuntos sociais. Como relata Viganó:

Com a transformação da preocupação individual em preocupação pública e com o isolamento radical causado por uma sociedade focada na produção e no consumo, chegamos ao impasse no qual, ao buscamos desenfreadamente a abundância, a manutenção da vida e da felicidade, no entanto, a destruição dos nossos mundos e a nossa própria infelicidade. (VIGANÓ, 2012, pág.31)

Como existem diversos grupos sociais ocorre o risco de aceitação e a compreensão de crenças e ideologias das diversidades em si, prejudicando a coletividade e afastando-se mais da homogeneização da cultura, o maior dos riscos. Os grupos semelhantes e aqueles que não se assemelham produzem confrontos. A sociedade é condicionada em contradições, na maioria das vezes são interesses políticos promovendo atitudes individualistas. Redefinir os espaços é promover a conexão da sociedade e isto deve ser usado

como mecanismo articulador, para que as pessoas ocupem as mesmas atividades e favoreçam ao seu grupo social. Por meio da integração destes grupos as atitudes se tornam mais democráticas e diminuem-se os desequilíbrios sociais.

5. A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO EMPÍRICO

O conhecimento empírico são as experiências vividas no passado, os erros e os acertos adquiridos no decorrer da vida. Além das modificações presenciadas na sociedade, estas contribuem para o desenvolvimento de mais saberes: construir, destruir e experimentar, com isso rejuvenescer os pensamentos, as necessidades e aproveitar os pensamentos provisórios. Na visão de Bachelard:

[...] O conhecimento do real é luz que sempre projeta algumas sombras. Nunca é imediato e pleno. As revelações do real são recorrentes. O real nunca é "o que se poderia achar" mas é sempre o que se deveria ter pensado. O pensamento empírico torna-se claro depois, quando o conjunto de argumentos fica estabelecido. Ao retomar um passado cheio de erros, encontra-se a verdade num autêntico arrependimento intelectual. No fundo, o ato de conhecer dá-se contra um conhecimento anterior, destruindo conhecimentos mal estabelecidos, superando o que, no próprio espírito, é obstáculo à espiritualização. (BACHELARD, 2005, pág. 16)

Com isso percebe-se que a associação do conhecimento específica com a experiência de vida de cada pessoa gera comparações e até mesmos questionamentos e isso se altera com o passar do tempo, pois o indivíduo vai obtendo cada vez mais conhecimento, criando argumentações sobre o próprio conhecimento e assim produzindo uma nova experiência. No caso do teatro, ocorrem alguns obstáculos como o esquecimento. Com novas ideias e saberes os pensamentos se ampliam e o artista fará a melhor substituição no intuito de obter resultados positivos.

O pensamento é o que nos move para termos opções decisivas com o produto de necessidade, as ideias construtivas estão em primeiro lugar, mas depende de determinadas características da criatividade do indivíduo. O estímulo ao pensamento que é o pensamento inventivo, ou seja, o pensamento criativo e inovador que diversifica o pensamento dinâmico causando a evolução do pensante, a reconstrução de uma ideia que promove o intelectual para adquirir a mobilização permanente sabendo que o ensino obtido não é o que prevalece, mas sim a qualidade do seu pensar. A cultura e o pensamento direcionada ao pensamento oposto são chamados de radicais causadores de conflitos, é a mobilização intermediária para a observação e a experimentação para perceber a contribuição do conhecimento empírico. Sob este prisma, Bachelard observa:

A primeira experiência ou, para ser mais exato, a observação primeira é sempre um obstáculo inicial para a cultura científica. De fato, essa observação primeira se apresenta repleta de imagens; é pitoresca, concreta, natural, fácil. Basta descrevê-la

para se ficar encantado. Parece que a compreendemos. Vamos começar nossa investigação caracterizando esse obstáculo e mostrando que há ruptura, e não continuidade, entre a observação e a experimentação. (BACHELARD, 2005, pág. 11)

Pode-se afirmar que esse primeiro contato com esse novo conhecimento ou uma possível nova experiência é sempre algo a ser muito cogitado e trabalhado, pois diante do até então desconhecido, ocorre o deslumbramento com a descoberta. E é nesse primeiro contato que vem às associações feitas entre esse “novo” e sua própria experiência obtida com isso. Pode-se vir a ter, de certo modo uma má interpretação em alguns casos, porém com o passar do tempo e com a aquisição de novas experiências sobre tal conhecimento teremos assim um meio de corrigir ou até mesmo afirmar esse erro de interpretação. Os participantes do projeto percebiam tudo tão novo, que as relações construídas transformavam as informações em algo mais precioso.

O pensamento divergente também se associa nesse caso, pois ele consiste na busca de alternativas ou de possibilidades criativas e diferentes para a resolução de um problema, nesse caso, a nova opinião sobre o tema pode ser divergente em alguns casos. A oposição do pensamento do outro em geral e os obstáculos culturais, também pode ser divergente ao saber modificando a originalidade, um fenômeno de teorias opostas. A diversidade cultural e de seus pensamentos sucessivamente é utilitária até tal ponto, porque a mente é um museu de pensamentos pela sua originalidade e propriedade de pensamento registrado, nítido e descoberto ao decorrer da vida. Gaston Bachelard acredita que:

Na formação do espírito científico, o primeiro obstáculo é a experiência primeira, a experiência colocada antes e acima da crítica — crítica esta que é, necessariamente, elemento integrante do espírito científico. Já que a crítica não pôde intervir de modo explícito, a experiência primeira não constitui, de forma alguma, uma base segura. Vamos fornecer inúmeras provas da fragilidade dos conhecimentos primeiros, mas desejamos, desde já, mostrar nossa nítida oposição a essa filosofia fácil que se apoia no sensualismo mais ou menos declarado, mais ou menos romanceado, e que afirma receber suas lições diretamente do dado claro, nítido, seguro, constante, sempre ao alcance do espírito totalmente aberto. (BACHELARD, 2005, pág. 29)

Pode-se afirmar que os indivíduos têm uma experiência primária, na maioria das vezes é o conhecimento aprendido dentro do próprio lar, e com seu padrão que ele pode questionar, criticar e até mesmo comparar mediante a outros conhecimentos. Porém esse conhecimento primário não é muitas vezes racional, pois muitas vezes não se tem certa clareza que pode ser considerada real perante a sociedade e até mesmo diante a realidade. No projeto organizado com a dança notei que os integrantes foram paulatinamente se integralizando de modo a se expor com mais argúcia, de forma mais ponderada e reflexiva. O

conhecimento proporcionado com a pesquisa os levou para o lugar da redescoberta do mundo e de si mesmos. Nasceu o espírito científico, que lhes despertou conhecimento e libertação através de seus passos mais seguros no mundo a partir do contato com a arte e a dança. Conhecimento, ciência e descoberta de si, objetos interligados como bem aponta Bachelard:

Eis, portanto, a tese filosófica que vamos sustentar: o espírito científico deve formar-se contra a Natureza, contra o que é, em nós e fora de nós, o impulso e a informação da Natureza, contra o arrebatamento natural, contra o fato colorido e corriqueiro. O espírito científico deve formar-se enquanto se reforma. Só pode aprender com a Natureza se purificar as substâncias naturais e puser em ordem os fenômenos baralhados. A própria psicologia tornar-se-ia científica se fosse discursiva como a física, se percebesse que, dentro — como fora — de nós, compreendemos a Natureza quando lhe oferecemos resistência. A nosso ver, a única intuição legítima em psicologia é a intuição da inibição. Mas não cabe aqui desenvolver essa psicologia essencialmente reacional. Só queremos destacar que a psicologia do espírito científico aqui proposta corresponde a um tipo de psicologia que pode ser generalizada. (BACHELARD, 2005, pág. 29-30)

O conhecimento que também se aponta no espírito científica é o conhecimento mesclado com a natureza levado a construção do pensamento, a lógica na hora do desespero, a intuição e a compreensão. Questões que fundamentam uma pesquisa fazendo pensar o que o indivíduo trás de bagagem quando entra em um trabalho.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A execução desse projeto foi de grande relevância para o crescimento pessoal e profissional, pois além de contemplar um sonho, que seria envolver as pessoas do Trevo no universo artístico, promoveu um encontro entre essas pessoas carentes de atividades prazerosas, principalmente as quais possa se unir prazer e o aprendizado.

A felicidade proporcionada por este projeto é imensurável, porque ele irá ajudar aquele povoado no reconhecimento da cultura local e de seus habitantes. E ainda proporcionará desprendimento dos pesquisadores enquanto artistas/educadores, sem desconsiderar o fato de que os anseios iniciais foram concretizados por meio da oportunidade de compartilhar aprendizagens.

Esse estudo prático/teórico, abraçando questões que desde o início inquieta o pesquisador, afirma que trabalhos devem ser explorados, em situações diversas entendendo que as condições do indivíduo na sociedade, como a cidadania ativa produz esferas de integração, promovem igualdade social, para que possam ver o mundo de outra forma, sempre na busca por compreender e criar novas alternativas que aprimorassem as questões sociais de conscientização. Assim foram explorados os espaços e dizimados os confrontos e a intolerância, promovendo ações políticas de inclusão.

A democracia é base para igualdade social, e desnuda a possibilidade de escolha de atitudes para que se tenham objetivos socioculturais diferenciados que respeitem o contexto de trabalhos artísticos que se propaguem culturalmente aos diversos grupos sociais. Também foi elucidado como é importante preservar os bens culturais e respeitar a liberdade não sendo determinista com a concepção da diversidade, usufruindo da convivência e, acima de tudo, procurando sempre o diálogo para estabelecer relações e o não isolamento. Foi um norte apontara os participantes do projeto o seu direito de escolha, combatendo a denominação, reconhecendo os privilégios que a diversidade social pode trazer para si. Nesse aspecto o projeto pretende interferir de maneira produtiva, qualitativa no universo das pessoas envolvidas, acreditando que a Arte tem poder de transformação das mesmas e respeitando as diversidades culturais.

7. REFERÊNCIAS

ALENCAR, José de. **Iracema**. In ALENCAR, José de. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Editora José Aguilar, 1959 a, vol. III.

BACHELARD, Gaston. **A Formação do espírito científico**. 5ª reimpressão. Editora Contra ponto. 2005. 315 pgs.

BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão. **Formação Docente Ensino da Arte no Brasil**: Aspectos históricos e metodológicos. Unesp/Redefor Módulo I Disciplina 02. São Paulo, 2011. Disponível. http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40427/3/2ed_art_m1d2.pdf. acesso em: 19 de fevereiro de 2016.

CABRAL, Beatriz Ângela. **O Drama Como Método de Ensino**. 2ª Edição. 2012. Editora Hucitec. 148 pgs.

CHACRA, Sandra. **Natureza e Sentido da Improvisação Teatral**. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

DESGRANGES, Flávio. **A Pedagogia Do espectador**. Editora Hucitec São Paulo; 2003.

FÉRAL, Josette. **Teoría y Práctica: Más Allá de Las Fronteiras**. Traducción de Armida María Córdoba. 1ª ed. Buenos Aires: Galerna, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: Saberes Necessários à prática educativa. Editora Paz e Terra, 1996 (coleção leitura)

GROTOWSKI, Jerzy. **O teatro laboratório de Jerzy Grotowski 1959-1969**. Textos e materiais de Jerzy Grotowski e Ludwik Flaszen com um escrito de Eugenio Barba. Tradução para o português Berenice Raulino - São Paulo Perspectiva: SESC; Pontedera, IT: Fondazione Pontedera Teatro, 2007.

KOUDELA, Ingrid Dormien. **Jogos Teatrais**. 7ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.

LABAN, Rodolf. **Domínio do Movimento**. Edição organizada por Lisa Ullmann. São Paulo. 1978. Grupo editorial Summus. 268 pgs.

MARCUSE, Herbert. **Ideologia da Sociedade Industrial** . Rio de Janeiro: Zahar, 1969.

PATRICE, Pavis. **Dicionário de Teatro**. Tradução J. Guinsburg e Maria Lúcia Pereira. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

SPOLIN, Viola. **Jogos teatrais para a sala de aula: um manual para o professor – 2ª ed.** São Paulo: Perspectiva, 2010.

STANISLAVSKI, Constantin. **A preparação do ator**. 27ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. **A construção da personagem**. 27ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

RENGEL, Lenira. **Os temas de Movimentos de Rudolf Laban**. Editora Annablume. 2008. 90 pgs.